

Pequenos empresários vivem angústias no cenário pandêmico

Com as vendas caindo, empresários passam por momentos de crises e incertezas

“Fiquei com medo da situação ir piorando e a firma não aguentar”, conta Ezio Frediani, 53, pequeno empresário de São Paulo. Fabricando cadeados, sua empresa Cadeados Brasília está no mercado desde 1990, mas nunca enfrentara tempos tão difíceis como os de agora.

Quando decretada o início da quarentena, no começo de abril, o empresário temeu o que poderia acontecer com os negócios. “As vendas cessaram, os pedidos em carteira foram suspensos, clientes avisaram que a partir daquela data estavam suspendendo todos os pagamentos. Perdemos 70% das vendas”. “Foi um pânico geral”, conta Ezio.

Com as vendas caindo cada vez mais, o empresário buscou formas de continuar trabalhando. Conversou com alguns lojistas, que passavam pela mesma situação, e foi se adaptando a nova realidade inserida pelo coronavírus. “Com o passar dos dias todos foram tentando se adequar. Alguns pedidos que estavam suspensos começaram a sair e passei a vender para algumas lojas online”.

Ezio tomou algumas medidas para a empresa não parar a produção devido a quarentena, buscando se atentar a todas as recomendações da OMS. “Tomamos todos os cuidados, trabalhando com os funcionários reduzidos, equipamentos de proteção como máscara e protetor facial, horários diferentes de almoço para não gerar aglomeração”.

Quanto as propostas divulgadas pelo governo, Ezio aderiu a suspensão do contrato de trabalho e a prorrogação do pagamento de impostos. “Suspendemos o contrato de trabalho de 50% dos funcionários, priorizando os que vivem sozinhos, sem família para sustentar”. “Os impostos vão ser cobrados apenas no fim do ano, o que aliviou um pouco os gastos”.

As vendas ainda não voltaram ao normal e o empresário não consegue prever qual será o futuro da empresa. “O consumo caiu e não vai voltar de uma vez, vai deixar muitas marcas no mercado, pode ter certeza”.

A economia no Brasil ficou desestabilizada devido ao cenário pandêmico. Os mais atingidos foram os pequenos empresários. Por mais que as grandes empresas também tenham sido afetadas, elas possuem uma melhor estrutura para se manterem e arcarem com a crise.

A recomendação do analista financeiro Luis Shibatta, 56, é para as pequenas empresas não aderirem a quarentena na íntegra. Se a produção de uma empresa desse porte diminuir exacerbadamente, há uma grande chance de ser decretado falência.

O governo aderiu algumas medidas para auxiliarem as empresas durante esse momento tão instável. A primeira é o adiamento da parte da União no recolhimento do imposto do Simples Nacional, pelo período de três meses, o que deve corresponder a uma renúncia de R\$ 22,2 bilhões em período temporário.

Uma outra medida é a liberação de R\$ 5 bilhões pelo Programa de Geração de Renda (Proger), mantido com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). O valor será repassado aos bancos públicos com o intuito deles promoverem empréstimos voltados ao capital de giro das PMEs (sigla para pequenas e médias empresas).

O Ministério da Economia anunciou nessa quarta-feira (10) uma terceira medida, o Fundo Garantidor de Operações (FGO) para a linha de crédito destinada às micro e pequenas empresas. O valor liberado corresponderá a até 30% da receita bruta anual da empresa calculada com base no exercício de 2019.

Ciente sobre o novo auxílio, Ezio se anima e afirma “Isso será de grande ajuda”.